

Prosopografia: possibilidades de aplicação do método no campo da administração

Autoria: Daniel Ouriques Caminha, Ariston Azevedo

Resumo

O presente texto busca propor a prosopografia como abordagem e método que possam auxiliar o pesquisador no exercício de suas pesquisas, em especial, naquelas direcionadas para a história da administração. Constata-se que a história da administração no Brasil é ainda um campo em desenvolvimento, para o qual o método e a abordagem prosopográficos podem contribuir significativamente. Assim, argumenta-se no texto que a prosopografia, ou seja, a biografia coletiva de determinado grupo de sujeitos, tal como vem sendo empregada nos estudos de história social de elites, pode trazer importantes contribuições para a aproximação entre história e administração, especificamente nos seguintes temas: (a) a história empresarial; (b) a história da prática administrativa; e (c) a história da administração como campo de conhecimento.

Palavras-chave: prosopografia; historiografia; história da administração no Brasil; história social de elites.

Introdução

Muito embora se observe ter havido empenho de alguns estudiosos da administração em traçar a história da Administração no Brasil (por exemplo: Silva, 1952; Guerreiro Ramos, 1956a, 1956b, 1966; Covre, 1981; Storck, 1983; Fischer, 1984; Martins, 1989; Viana, 1953; Wahrlich, 1983; Costa, 1986), são recentes os esforços coletivos sistemáticos de estudos historiográficos nesse campo. Além de recentes, esses esforços têm sido difusos, abrangendo temáticas como: educação superior em administração (por exemplo: Coêlho, 2006, 2008; Nicolini, 2004, 2007; Nicolini & Fischer, 2007; Coêlho & Nicolini, 2010; Fischer, Waiandt & Fonseca, 2011; Barros & Carrieri, 2013), instituições (por exemplo: D'Araújo, 1999; Bomeni & Motta, 2002; Vizeu, 2008; Alcadipani & Bertero, 2012), trajetórias de intelectuais específicos (por exemplo: Azevedo, 2006; Faria & Meneghetti, 2010) e conceitos recorrentes no campo (por exemplo: Matitz & Vizeu, 2011). Também são dignos de notas os textos que enveredam pelo campo da História, numa tentativa de estabelecer a aproximação entre história e administração (por exemplo: Curado, 2001; Costa, Barros & Martins, 2009, 2010; Vizeu, 2007, 2010; Pieranti, 2008; Sauerbronn & Faria, 2006), aproximação essa que, mesmo incipiente (cf. Costa et al. (2009)), é de fundamental importância para a compreensão do processo de institucionalização da administração pública neste país.

São pontos comuns entre os autores ligados a esse movimento de coligação entre os campos, por um lado, a acusação de ausência de estudos historicamente orientados sobre temas como história empresarial, história institucional, história de gestão, história organizacional, história intelectual, história dos conceitos, história das ideias, história do campo científico da administração, etc., e, por outro, a exigência de novas abordagens e métodos historiográficos no tratamento desses e outros temas. Pieranti (2008), por exemplo, afirma que, apesar de serem recorrentes na literatura brasileira as análises de cunho histórico, tem sido pouco comum, especificamente no âmbito da pesquisa acadêmica em Administração, as investigações científicas que tomam a historiografia como método. Aliás, vale observar que a historiografia quase nunca figura nos conteúdos das disciplinas de Metodologia ensinadas nos cursos de pós-graduação (mestrado e doutorado) em Administração no Brasil, apesar do empenho despendido nos últimos dez anos em aproximar história e administração. A bem da

verdade, a reversão desse quadro tende a se concretizar apenas se a aproximação entre as disciplinas avançar substancialmente, resultando, por um lado, em análises do fenômeno administrativo historicamente orientadas e, por outro, em teorizações que não percam de vista o diálogo incessante com o passado e o que foi dito sobre ele.

No que diz respeito a questão da necessidade de investimento de esforços em pesquisas historicamente orientadas, observa-se que, entre a diversa variedade de métodos, técnicas e abordagens recorrentemente empregados na pesquisa historiográfica, a prosopografia encontra lugar privilegiado, tendo em vista que apresenta potencial para ser utilizada em boa parte das pesquisas historiográficas, não circunscritas apenas à disciplina de História, Ciências Política e Sociologia, como vem sendo feito, mas podendo também ser aplicada em outras áreas disciplinares – e é isso que advoga-se no texto – no campo historiográfico da administração. Basta notar, por exemplo, que, entre os trabalhos anteriormente mencionados, nenhum deles fez uso ou mesmo mencionou a prosopografia como possibilidade de aplicação. O que se constata, desta forma, é que há uma lacuna de discussão teórica em nosso campo de estudos acerca das possibilidades de uso da prosopografia como um método de análise específico para a condução de uma história social da administração como prática e como campo de conhecimento¹.

Deste modo, o presente artigo tem por objetivo contribuir para suprir esta lacuna teórica, explorando a prosopografia como abordagem e método de pesquisa histórica e apontando as formas que esta pode contribuir para uma melhor compreensão de objetos e temas recorrentes no campo acadêmico da Administração e para a aproximação entre a história e a administração. Busca-se aqui desenvolver o argumento de que a prosopografia, tal como vem sendo especialmente empregada nos estudos de história social de elites, desde a década de 1970 (Por exemplo: Burke, 1991; Heinz, 2006; Heinz, 2011; Lalouette, 2006; Charle, 2006a, 2006b; Lorenzo, 2011), isto é, destacando as elites como objeto de investigação histórica e refletindo sobre elementos correlatos como a dinâmica social nos espaços de poder, as trajetórias, os padrões de recrutamento e de circulação das elites e as relações de dominação que se produzem e reproduzem nesses espaços, pode trazer importantes contribuições para a aproximação entre história e administração, especificamente, para o temas que aqui interessam, qual sejam, a história empresarial, a história da prática administrativa e a história da administração como campo de conhecimento no Brasil.

Assim, o presente texto estrutura-se em cinco seções, além dessa introdução. Em primeiro lugar, faz-se necessário, seguindo o alerta de Fernandes (2012), quando menciona que o método passou por processos de atualização e mudança de significado e uso, dar a devida atenção à construção da história do seu percurso. Na segunda seção há a exposição do conceito contemporâneo do método na perspectiva de autores como Stone (2011), Bulst (2005), Heinz (2006), Hubert Bonin (apud Mendes, 1992), Ridder-Symoens (apud Verboven, Carlier & Dumolyn, 2007), Bulst e Genet (apud Verboven et al., 2007) e Roy e Saint-Pierre (2006); na terceira seção, a vinculação do método prosopográfico à história social de elites verificada nas últimas quatro décadas; na quarta seção a discussão acerca de suas possibilidades de uso no campo de estudos da Administração e, encerrando o texto, as considerações finais.

Breve digressão histórica da prosopografia

A prosopografia não é algo novo. Neste sentido, dada a sua longa existência, não ficou isenta a transformações de sentido e uso. Pelo contrário, passou por alterações na diacronia histórica até chegar a forma pela qual, hoje, é conhecida, ainda que não esteja imune de divergências. Por exemplo, a prosopografia passou, em sua origem, de uma espécie de descrição superficial dos traços característicos de determinada personagem humana ou não

humana para, posteriormente, adquirir cunho mais social em sua abordagem, privilegiando, então, aspectos comuns de um determinado grupo de sujeitos, ainda que, predominantemente, superficiais e, portanto, quantitativos. Em sua fase mais recente, a prosopografia adquiriu características singulares ao optar, com mais frequência, por estudar grupos sociais específicos, no caso, membros de elites sociais, intelectuais, políticas, etc., não apenas em seus característicos quantitativos e superficiais, mas também em seus aspectos qualitativos e abrangentes em termos de detalhes.

Em seu estudo sobre a origem do termo, Keats-Rohan (2007) afirma que o sentido do vocábulo tem mudado consideravelmente desde os primeiros indícios de seu uso no século XVI, quando aparecia empregado não como método de ciência histórica, tal como tem sido a partir do século XIX, mas, majoritariamente, com as descrições físicas, tanto literárias como gráficas, de pessoas ilustres. De origem grega, o termo foi criado para representar a descrição de uma pessoa, podendo significar “máscara”, “rosto” ou, então, “pessoa” propriamente dito (Lalouette, 2006, p. 56). Neste sentido, a prosopografia era entendida como uma forma de descrição que tinha como objeto a figura, o corpo, os traços, as qualidades físicas ou mesmo o movimento de um ser animado, quer seja real ou fictício (Lalouette, 2006). Ainda, conforme informa Fernandes (2012), havia, originalmente, nos estudos prosopográficos, a pretensão de apresentar e dar destaque a sujeitos ilustres capazes de, através de suas descrições e representações, serem formadores de uma consciência moral, orientando, assim, a formação de jovens quanto ao caráter. Nessa mesma linha, Keats-Rohan (2007), ao analisar estudos prosopográficos de origem alemã, entre os séculos XVI e XIX, identificou que, após o século XVI, a prosopografia passou, cada vez mais, a perseguir objetivos de ordem moral, ao buscar retratar pessoas ilustres e ressaltar a descrição das personalidades e de seus caracteres.

Verboven et al. (2007) atribuem a Timothy Barnes o mérito de identificar e traçar, pela primeira vez, o longo percurso do termo, em seu artigo intitulado *Prosopography modern and ancient*. Enquanto método formal de pesquisa histórica, os autores mencionam que a prosopografia passou a constituir-se como tal apenas a partir do século XIX, especificamente no campo das investigações de História da antiguidade e do mundo moderno, principalmente, fornecendo uma nova perspectiva de abordar a história política. Ainda constata-se que as aparições do termo em dicionáriosⁱⁱ, até a metade do século XIX, associavam-no muito mais a uma figura de retórica do que a um método de investigação histórica, baseando o seu significado apenas na descrição material das características de uma pessoa ou de um animal.

Mesmo entre os estudiosos da origem do termo, permanece ainda desconhecida a data exata em que o mesmo apareceu pela primeira vez. Essa imprecisão, ressalta Lalouette (2006), ocorre, principalmente, pelo fato de a palavra prosopografia não figurar em nenhum dicionário clássico de grego ou latim. Assim, assevera a autora, a sua provável gênese pode ser atribuída, por um lado, à obra de Justin Gobler, que publicou, na Alemanha, em 1537, um texto em que descreve a vida de notórios da Antiguidade e, por outro, a Jean Susenbrot, que, em 1541, fez, em seu texto, descrições de homens tanto reais como fictícios, valendo-se, para isso, de quadros em que retratava suas formas, atitudes corporais e costumes.

A menção de Lalouette (2006) à obra de Susenbrot serve como suporte para indicar que esses trabalhos antigos não eram baseados apenas em descrições escritas de indivíduos, mas também nos seus retratos através da pintura, do desenho e da gravura. Como lembra a autora, o termo grego “-grafia” significa não apenas escrever, mas também desenhar e pintar, indicando, portanto, que alguns de seus usos não se restringiam unicamente à descrição biográfica dos indivíduos, mas também à sua representação figurada, fato que levava alguns escritores a associar descrições biográficas sumárias com representações ilustradas em prosopografias.ⁱⁱⁱ

Além dessa associação entre palavras e imagens no uso da prosopografia no século XVI, vale observar que a mesma tinha, como centralidade, a descrição de um indivíduo, o que,

com o passar do tempo, ampliou-se para um conjunto de descrições e retratos de indivíduos associados pelo fato de terem sido ilustres. A observação desse fato por Lalouette (2006) leva-a a perceber indícios da emergência da prosopografia em sua acepção contemporânea, ainda que preservando consideráveis diferenças, principalmente porque a antiga acepção buscava objetivos circunscritos à ordem literária e moral, isto é, o agrupamento de indivíduos a serem coletivamente descritos pelo prosopógrafo era construído não à luz de critérios científicos rigorosamente definidos em função de uma problemática histórica, mas pelo critério de notoriedade dos mesmos. Em outras palavras, o deslocamento do enfoque no indivíduo em direção ao enfoque coletivo é a hipótese central que a autora defende para apontar a origem do sentido que os historiadores e cientistas sociais passaram, progressivamente, a atribuir ao termo a partir do século XIX.

A prosopografia contemporaneamente: abordagem e método

A verificada transformação da acepção do termo, cujo marco central de reformulação é seu novo uso na ciência histórica a partir da segunda metade do século XIX, conduz à segunda questão: afinal, como definir a prosopografia na sua acepção contemporânea? De acordo com Bulst (2005, p.48), “são novos a intensidade e o entendimento metodológico com os quais a prosopografia hoje é exercida na pesquisa histórica”, pois que “modificaram-se as expectativas e os objetivos ligados à pesquisa prosopográfica, bem como seus objetos”. A prosopografia, portanto, apareceu no século XIX como recurso metodológico, principalmente, para estudos de história das elites políticas da antiguidade e, em menor intensidade, da idade média. O entrelaçamento com a história moderna e contemporânea e a ampliação do conjunto de objetos estudados, não se restringindo mais apenas às elites políticas, mas outras elites e grupos sociais minoritários, somente ocorreram no século XX (Bulst, 2005; Lalouette, 2006; Charle, 2006a, 2006b; Stone, 2011; Fernandes, 2012; Verboven et al., 2007).

Já atrelado à acepção contemporânea, um conjunto de autores buscou construir definições para o termo. Apesar das diferenças observadas entre essas conceituações, não se nega a possibilidade de algumas aproximações. Charle (2006b), ao defini-la, considera-a como sinônimo de biografia coletiva, pois que se trataria de um método de pesquisa histórica que consiste, sinteticamente, em definir uma população de indivíduos a partir de um ou mais critérios tomados pelo pesquisador para, na sequência, produzir um questionário biográfico à luz de critérios e variáveis que privilegiem descrições abrangentes da dinâmica social, privada, pública, cultural, ideológica e política da população em apreço.

Na visão de Heinz (2006), a definição canônica do termo pertence a Stone (2011, p.115), para quem prosopografia é “a investigação das características comuns de um grupo de atores na história por meio de um estudo coletivo de suas vidas”. Partindo dessa definição, Stone (2011) acrescenta que a operacionalização do método dá-se, em primeiro lugar, pela definição de um universo de sujeitos e, em segundo lugar, pela formulação de um grupo de questões padronizadas a serem lançadas ao universo definido. Segundo o autor, a realização de um estudo coletivo da vida desses sujeitos busca, como fim, dar “sentido a ação política, ajudar a explicar a mudança ideológica ou cultural, identificar a realidade social, descrever e analisar com precisão a estrutura da sociedade e o grau e a natureza dos movimentos que se dão no seu interior” (Stone, 2011, p.116).

Numa linha de definição mais precisa do objeto, Bulst (2005) propõe a prosopografia com o sentido de “histórias de vida coletiva”, expressão, segundo ele, mais comumente empregada por sociólogos do que por historiadores. Tal visão aproxima-se daquelas enunciadas por outros autores, como no caso de Hubert Bonin (apud Mendes, 1992), para quem a prosopografia consiste na reconstituição de um conjunto de biografias, de modo a detectar as características de um grupo social ou profissional. Definição similar pode ser

encontrada em Ridder-Symoens (apud Verboven et al., 2007), que toma o método como a produção de uma biografia coletiva de forma a descrever as características externas de um grupo, cujos componentes tenham, pelo menos, alguma característica em comum. Sendo mais enfático e assumindo um enfoque sociológico aplicado à pesquisa histórica, Heinz (2006, p.9) define o termo como “o método das biografias coletivas”, que busca desvelar características comuns de um determinado grupo social, definido por um dado período histórico. Assim, o prosopógrafo é capaz de elaborar o perfil social de determinados grupos, que podem ser tanto categorias socioprofissionais como coletividades históricas, de modo a destacar os mecanismos subjacentes que se inscrevem na trajetória social dos indivíduos. Logo, o emprego do método é uma “forma dos historiadores fazerem sociologia do passado” (Heinz, 2006, p.9).

Considerando tais definições, parece forçoso concluir que muitos historiadores (e não historiadores) fizeram e fazem prosopografias sem o saber. No seu uso atual, a prosopografia trata de uma espécie de “multibiografia”, como bem observa Autrand (apud Roy & Saint-Pierre, 2006), construída a partir de uma coleção de indivíduos intencionalmente reunidos em torno de determinadas características factuais observáveis, como educação, carreira, relações familiares, políticas, vínculos matrimoniais, além de outras que possam interessar ao pesquisador. Uma exigência basilar do método é que os atores históricos definidos para compor o grupo que será estudado tenham alguma (s) característica (s) em comum, seja uma função, uma dada atividade ou mesmo uma função social. A prosopografia é o estudo coletivo da vida desses indivíduos, devendo colocar em evidência o individual apenas para contrastar com o coletivo e o normal (Roy & Saint-Pierre, 2006).

Percebe-se, diante desse conjunto de definições, que o principal ponto de divergência reside na delicada aproximação da prosopografia com a biografia. Enquanto alguns autores definem o termo como sinônimo de biografia coletiva, outros preferem não tratá-los como equivalentes, destacando a prosopografia apenas como a descrição das características externas de um grupo e mantendo a biografia em um domínio distinto, o da descrição das personalidades individuais. Acreditamos que o termo “biografia coletiva”, se mal interpretado, pode levar à condução equivocada do método, prejudicando as etapas de análise e interpretação do material coletado à luz da problemática e da finalidade histórica que lhe são lançadas. Bulst (2005) sustenta que a prosopografia e a biografia tratam de questões e interesses diferentes, assim sendo, enquanto o interesse da biografia é o indivíduo, a prosopografia define-se pelo interesse no conjunto. O autor adverte que pouco sentido teria, ao analisar um grupo prosopograficamente, destacar indivíduos e analisá-los biograficamente sem o interesse posterior de estabelecer comparações entre eles. No entanto, a prosopografia, para ser realizada, necessita da biografia, considerando que a relação entre o indivíduo e o conjunto é, entre outros, um dos pontos que dão contorno ao método e a construção de casos individuais, objeto da biografia, é o ponto de partida para a etapa posterior de análise do grupo, onde os casos individuais são integrados pelas relações com o conjunto (Bulst, 2005; Mendes, 1992). Por outro lado, as definições apresentadas aproximam-se por dois elementos em comum: (a) a análise do indivíduo em função da totalidade da qual faz parte e (b) o aspecto comparativo tanto das semelhanças como das diferenças. Em todas as definições, percebemos que esses dois elementos aparecem de forma complementar, atribuindo à prosopografia o sentido de desvelamento das características comuns de um grupo de sujeitos, através do estudo coletivo de suas vidas.

No que pertence propriamente à operacionalização do método, autores como Roy e Saint-Pierre (2006) e Noronha (2011) buscam, a partir da experiência de seus estudos empíricos, expor os procedimentos operacionais que adotaram na condução de suas pesquisas prosopográficas. Vejamos, pois, as suas indicações procedimentais. Roy e Saint-Pierre (2006) estudam o perfil da alta redação dos jornais de Quebec entre 1850 e 1920 e, para tanto,

prosseguem o estudo em três etapas: (a) inicialmente, é estabelecida uma lista geral dos indivíduos que formam a população foco do estudo. No caso em questão, os autores optaram por restringir o seu enfoque de pesquisa aos extratos superiores da profissão jornalística em Quebec; (b) em segundo lugar, com a listagem feita, é necessário levantar as fontes disponíveis e criar uma nota biográfica para cada indivíduo pertencente à população, destacando momentos importantes de sua vida e carreira. Para construir as biografias individuais, são necessárias precisão e uniformidade no tratamento dos dados, bem como é possível a recorrência a estudos de outros autores como fontes secundárias. Genet (apud Roy & Saint-Pierre, 2006) denomina a base de dados resultante da construção das notas biográficas de “metafonte”, a qual é um documento amplo construído pelo próprio pesquisador com o auxílio do computador, que deve englobar o conjunto das fontes biográficas pesquisadas; e (c) a última etapa consiste em analisar comparativamente o conjunto de notas biográficas construídas e armazenadas na metafonte, de maneira a destacar pontos em comum e as particularidades das biografias, com o intuito de produzir uma síntese. A boa síntese somente é possível caso haja uniformidade no formato das biografias construídas, permitindo, assim, a comparação dos dados.

Por sua vez, Noronha (2011) busca fazer uso da prosopografia para estudar elites locais. No caso em questão, os empresários de Santa Cruz do Sul de 1849 a 1945, objetivou compreender o perfil e a dinâmica daquele segmento na cidade, além de propor um modelo metodológico para contribuir com o estudo de elites locais. O autor propõe um quadro metodológico, inspirado no modelo fornecido pelo artigo por Verboven et al. (2007), seguindo as etapas: (a) delimitação do grupo a ser estudado, tendo o autor, especificamente, optado por seguir o jornal local *Gazeta de Santa Cruz*, como norteador da localização da elite econômica da cidade; (b) estabelecimento da amplitude temporal do recorte, no caso em questão, o recorte justifica-se por abranger três gerações de empresários, levando em conta os três momentos da história do município; (c) determinação das fontes de pesquisa e do local de coleta, que, no caso em pauta, envolveu textos biográficos, necrólogos e homenagens póstumas encontradas em jornal local, arquivos de universidade, colégios, centros genealógicos, órgãos públicos, além do cemitério municipal; (d) registro das informações contidas nas biografias de cada indivíduo com o auxílio de fichas construídas em softwares; e (e) formulação de tabelas e gráficos a partir dos campos pesquisados.

Como fizemos notar, a prosopografia contemporânea persegue um objetivo bastante distinto daquele presente nos estudos antigos, reclamando para si, nos dias atuais, caráter científico. Também há certa imprecisão quanto ao marco cronológico em que o termo passou a ser usado em sua nova acepção. Segundo Lalouette (2006), a dificuldade em precisar o momento indica que a passagem deu-se de forma gradual e, principalmente, pelas mudanças ocorridas na história política tradicional durante o século XIX. Até a metade do século XX, a prosopografia era empregada, basicamente, em estudos de história política de elites dirigentes atreladas ao Estado. O uso do método no estudo de outras elites, que não as políticas e outros grupos sociais não circunscritos aos grupos dominantes, somente foi ocorrer a partir da segunda metade do século XX com a autonomização e a especialização da história social contemporânea.

A prosopografia e o seu uso na História Social de Elites

A grande virada da historiografia do século XX deu-se com a emergência do movimento dos *Annales* a partir da década de 1930 até a década de 1960 na França, que buscou romper com a história política tradicional, então predominante no século XIX, e oferecer novas perspectivas para o estudo da realidade histórica. Essa passagem compreende a emergência de uma autodenominada história social.^{iv} Faz-se necessário a exposição

preliminar desse movimento histórico para uma melhor compreensão dos novos objetos históricos que os estudos de orientação prosopográfica passaram a lidar a partir da segunda metade do século XX, após a sua vinculação à história social. Para Castro (1997), foi no momento de desenvolvimento de uma história social autônoma, e isso deu-se somente na década de 1970, que a prosopografia deixou de ser uma prática particular do estudo das elites políticas.

Antes de conquistar sua autonomia, Charle (2006a, 2006b) menciona que a história social nasceu vinculada à história econômica. A explicação genealógica de sua vinculação tem relação, na avaliação de Labrousse (apud Charle, 2006a), com o fato de que a história econômica era entendida como a força motor dos movimentos sociais, sendo ela também a principal responsável pela entrada da historiografia marxista e dos métodos de pesquisa quantitativos nos Annales, de modo que os seus estudos privilegiavam uma visão classista de sociedade. Tanto Labrousse como os demais membros dos Annales tinham em comum o desapego ao estudo de acordo com uma perspectiva elitista e a ênfase em tratar da globalidade do social. Diante da crise do marxismo, ainda expõe Charle (2006a) que em conjunto com o declínio da história predominantemente quantitativa e estrutural dos Annales, a partir da década de 1970, representou a desvinculação da história social da história econômica. Autônoma e especializada, a história social passou sustentar a renúncia do estudo da globalidade do social e, em contrapartida, lidou mais especificamente com histórias segmentadas de grupos socioprofissionais e elites dirigentes, defendendo teses sobre diferentes meios sociais.

Na década de 1970, passou-se a se observar em maior quantidade e expressão trabalhos especializados em história social de elites. No entanto, Charle (2006a) menciona que a transição entre a perspectiva histórica dos Annales e a perspectiva elitista já vinha se manifestando alguns anos antes. Mesmo mantendo a postura de estudar todos os tipos de elite e não uma elite específica, as rupturas deram-se, principalmente, em delimitar um espaço nacional e não mais local, fazer uso de fontes prosopográficas ao invés de seriais e passar da história anônima para os exemplos nominativos, com ênfase nas representações dos sujeitos.

Como bem menciona Lalouette (2006), a obra de Claude Nicolet, publicada em 1966, *L'ordre equestre à l'époque républicaine*, marcou considerável evolução na aplicação do método prosopográfico, inserindo-o definitivamente nos novos contornos de constituição da história social. Se, até a metade do século XX, a aplicação do método ficou restrita aos estudos de história política, na segunda metade do século XX, com a autonomização da história social, o método encontrou novo aporte nessa dimensão da história. A pesquisa de Louis Bergeron e Guy Chaussinand-Nogaret, por sua vez, já se enquadrava de forma mais orgânica na emergente perspectiva elitista. Publicando-a em 1979, os autores estudaram os membros notáveis do Primeiro Império, buscando construir biografias sociais do grupo estudado, valorizando a construção de biografias abrangentes e o cruzamento de informações (Charle, 2006a).

Constitui-se numa tendência que os trabalhos prosopográficos enquadrados nessa perspectiva de estudo de elites^v abandonem uma problemática política e passem a adotar um recorte sociológico, principalmente, pela valorização dos corpos administrativos e instituições escolares. Observa-se que a sociologia francesa, na década de 1970, focada na problemática da reprodução, passou a influenciar diretamente o campo de pesquisa em história social (Charle, 2006a; Lorenzo, 2011). Segundo Charle (2006a, p.25), “as pesquisas sociológicas de Pierre Birnbaum, de Jean-Luc Bodiguel, de Pierre Bourdieu e de Monique de Saint-Martin, sobre as elites e as grandes escolas francesas da segunda metade do século XX, serviram com frequência de inspiração para os historiadores”.

Desse modo, as elites intelectuais em específico passaram a ser percebidas pelos historiadores como corporações intelectuais, isto é, atribuiu-se ao seu estudo um recorte

sociológico, onde os intelectuais deixam de serem vistos como sujeitos isolados para serem analisados diante de suas relações com instituições e organizações que atuam e com outros grupos de poder de uma sociedade. A partir de questões levantadas à constituição e à manutenção dessas elites que se amplia o número de trabalhos prosopográficos sobre professores universitários, tendo em vista que esse método de pesquisa histórica passa a servir de importante suporte para a realização de estudos sobre história social de elites. Charle (2006a) alerta quanto ao risco que se pode incorrer nesse tipo de pesquisa, dependendo do recorte que se faz. O autor menciona que os trabalhos sobre elites intelectuais devem preservar um diálogo permanente entre a história das elites e a história das ciências, evitando a tradicional divisão do trabalho disciplinar entre análise externa (própria do sociólogo) e a análise interna (domínio da filosofia e da literatura).

Essa nova perspectiva de história social de elites, por repousar sobre um fundamento biográfico-social, ganhou muito com o seu direcionamento às pequenas amostras saturadas de informação em detrimento das grandes amostras com poucas variáveis, que eram marcantes na antiga abordagem. Se o objetivo passou a ser o conhecimento em profundidade de determinados grupos sociais pertencentes às elites e a sua dinâmica interna de funcionamento, o fundamento biográfico do método prosopográfico possibilitou o conhecimento dos sujeitos que as constituem e a constituição das suas relações. O método tornou-se, assim, revelador das estruturas sociais concretas das diversas elites. Contudo, o problema da delimitação, tendo em vista o objetivo de estudar um grupo reduzido (nem sempre com fronteiras claras e definidas) e não uma sociedade como um todo, e a dificuldade de produção de sínteses, considerando os erros de planejamento para conservar a coerência entre princípios de construção dos diferentes setores de um grupo (departamentos, setores, áreas, divisões, regiões e outros), ainda constituem entraves ao bom desenvolvimento das pesquisas e estão longe de serem eliminados (Charle, 2006a).

Como bem observa Charle (2006a, 2006b), apesar das dificuldades verificadas, é inegável que, após quatro décadas de estudos de história social de elites, o quadro construído pelos pesquisadores dos diversos extratos que compõem estes grupos tem muito mais nuance que na metade do século XX. Sem sombra de dúvidas, hoje, tem-se melhores condições de compreender aquilo que divide esses estratos, que os hierarquiza, os opõe e os aproxima. A não ser pelos esforços dessa nova investida intelectual, pouco se compreenderia sobre “as raízes das oposições políticas ou ideológicas entre as elites ou as frações da classe dominante” (Charle, 2006a, p.32). Através do recurso à construção de prosopografias, tornou-se possível “colocar à luz do dia as estratégias familiares de ascensão, de estagnação ou de reconversão que os diversos meios de elite ou da burguesia utilizam” e, com isso, “os historiadores começam a se engajar em definir as redes sociais que ligam as diversas elites, em delimitar os grupos de pressão, os movimentos de criação de diversas sociedades de pensamento ou partidos, colocando-os em relação com as divisões do espaço social da classe dominante nas diferentes épocas” (Charle, 2006a, p.32).

A prosopografia e a sua potencialidade na Administração

No âmbito da historiografia brasileira, a prosopografia já tem sido aplicado em estudos sobre a história social de elites (Heinz, 2006, 2011). O emprego do método, no entanto, ainda é inédito entre os estudos históricos situados no campo da Administração. Acreditamos que a sua aplicação nesta área de estudos pode trazer à tona um interesse renovado pelo estudo de elites à luz de problemáticas próprias da Administração. Heinz (2006) enfatiza que a prosopografia recolocou as elites novamente no campo de interesse dos historiadores, tendo em vista que as possibilidades de uso das prosopografias permitiram-lhes os recursos necessários para empreenderem análises muito mais finas e detalhadas desses

grupos sociais localizados no topo das hierarquias sociais. A prosopografia é, atualmente, recurso metodológico imprescindível para qualquer investida teórico-empírica na investigação de elites, independentemente do campo do saber onde o estudo esteja circunscrito, tendo em vista que desempenha um importante papel para obter conhecimentos mais completos sobre a dinâmica dos espaços de poder situados no topo das hierarquias sociais (Noronha, 2011).

Lançamos, portanto, a seguinte questão: por que fazer uma micro-história social, através de um enfoque elitista, nos estudos históricos do campo da Administração? Defendemos que o estudo prosopográfico para investigar elites pode ser aplicado, dentro dos estudos em Administração, em três áreas distintas, sem a pretensão de esgotar as possibilidades de uso. Trata-se, de fato, de um esforço inicial em sistematizar esse campo de possibilidades, indo além do que propõem Booth e Rowlinson (2006), ou seja, ultrapassando (ou acrescendo) os interesses nos estudos de empresas, negócios, firmas ou organizações em direção mesmo de uma história da administração no Brasil, tanto como prática quanto como campo de conhecimento, fazendo destacar o papel de determinadas elites no seu processo de constituição. Buscamos responder o questionamento direcionando nosso olhar às contribuições que o uso do método e o recorte específico das elites podem trazer a cada uma das áreas supracitadas.

Apesar da tentativa de ultrapassar os desafios lançados por Booth e Rowlinson (2006), convém ainda tratar da contribuição que a prosopografia pode trazer ao estudo dessa temática. No que concerne à história empresarial, faz-se preliminarmente necessário elucidar os objetos e as abordagens que essa perspectiva historiográfica tem tratado. Essa modalidade foi tradicionalmente relacionada “ao estudo sistemático de firmas individuais com base em sua própria documentação” (Booth & Rowlinson, 2006). Como bem observam Costa et al. (2010), os primeiros estudos de história empresarial no Brasil foram orientados pela concepção tradicional, desconexa da história social e definidos pelo foco na administração interna das unidades produtivas ou na história dos grandes fundadores (Costa et al., 2010).

Na década de 1970, essa modalidade ganhou novas dimensões. Os estudos de história empresarial no Brasil passaram a focalizar o contexto socioeconômico e, além do mais, foram tomados, como objeto de investigação, as estratégias dos empresários, os questionamentos sobre as origens da indústria no país, o papel dos empresários, as ações do Estado e das entidades de classe. Observamos que, desse modo, atualmente, tem diminuído o tradicional enfoque da história empresarial ao espaço da administração interna e ganhou fôlego o desenvolvimento da história comparada de empresas, as relações empresariais com contextos socioeconômicos mais amplos e a aproximação com a história social (Costa et al., 2010).

Defendemos que a história empresarial pode somar novos ganhos, contribuindo para superar as limitações relacionadas às histórias corporativas individuais, através do desenvolvimento de estudos prosopográficos de elites empresariais. A passagem de um enfoque individual para um enfoque relacional verificada na evolução da história empresarial trouxe à tona possibilidades de aproximação em uma perspectiva social e política com essa área da historiografia. No entanto, ao contrário de limitar-se aos métodos tradicionais de investigação que privilegiam a construção de histórias institucionais (histórias de empresas, de grupos empresariais e clusters, de indústrias e outros) ou de histórias dos grandes homens da indústria, o estudo biográfico coletivo de determinadas elites empresariais pode ser um importante ferramental para a compreensão dos atuais objetos da história empresarial levantados por Costa et al. (2010). As prosopografias de determinadas elites empresariais historicamente situadas podem ser, portanto, úteis para a compreensão das estratégias de recrutamento e reprodução de suas posições, bem como dos papéis desempenhados por elas, ou seja, da investigação dos mecanismos concretos de sua dinâmica social dentro do campo de poder e de suas relações com o Estado. Verifica-se, nesse sentido, a possibilidade de aportar o elemento político e o das disputas de poder nos estudos de Administração. Alguns

esforços, neste sentido, já foram desprendidos nas áreas de História, Sociologia e Ciência Política. Por exemplo, Noronha (2011), ao fazer uso da prosopografia para investigar elites empresariais locais, traz novos apontamentos sobre a existência de redes relacionais entre esses grupos locais de poder, contribuindo para um conhecimento mais completo da dinâmica, dos papéis, dos perfis e das estratégias dessas elites específicas. Linteau (2006), por sua vez, segue uma linha distinta, dando maior ênfase à ação e ao papel de elites ligadas ao Estado. Busca compreender a configuração do campo político de Montreal, entre 1880 e 1914, a partir da análise de fenômenos sociais relacionados à emergência de diversas novas elites na região, não apenas a econômica, mas também os profissionais liberais, médios empresários e executivos de grandes empresas. Para tanto, direciona o seu olhar à ação do Estado, buscando fazer uma prosopografia dos conselheiros municipais em vistas de examinar aspectos da composição etnolinguística e social da elite política municipal que foi composta por uma variedade de elites sociais emergentes.

No que concerne à história da prática administrativa no Brasil, cabe, inicialmente, destacar o papel que teve a historiografia brasileira no avanço dos estudos sobre a industrialização no Brasil. Nesse momento, adquiriu maior peso a história econômica para analisar o desenvolvimento econômico da nação que, no início do século XX, passava por acelerado processo de modernização no seu sistema de produção material. Apesar do prisma economicista, muitos estudos de história econômica, no entanto, não abdicaram de discutir aspectos socioculturais e políticos na configuração econômica brasileira (Vizeu, 2010). Por exemplo, Luz (1975 apud Vizeu, 2010) estudou a industrialização no Brasil incluindo, na construção do seu quadro analítico, elementos para a análise das ideologias que sustentaram o cenário de profunda transformação no país. É também indispensável mencionar, segundo Vizeu (2010), três clássicos pioneiros na introdução de elementos da história social na historiografia brasileira: *Casa-grande e senzala*, de Gilberto Freyre, *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda e *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Junior.

Os estudos prosopográficos que busquem enfocar determinadas elites, de orientação industrialista e modernizante, podem ajudar na busca por melhor compreensão do estabelecimento da prática administrativa no Brasil. Por exemplo, prosopografias das novas elites técnicas e industriais pioneiras nas tentativas de estabelecer e consolidar os princípios e as práticas da Administração no Brasil, como aquelas que tiveram trajetórias sociais relacionadas a espaços institucionais diversos como o meio industrial paulista, o Instituto de Organização Racional do Trabalho - IDORT, o Departamento Administrativo do Serviço Público - DASP, a Fundação Getúlio Vargas, entre outros, podem ajudar no conhecimento sobre os contornos e as peculiaridades históricas que adquiriu a administração no Brasil, evitando cair em análises a-históricas e anacrônicas do fenômeno administrativo no país. A reconstrução histórica desses grupos privilegiados, através da construção de biografias coletivas, levando em conta as formações políticas, econômicas, culturais e ideológicas deles mostra-se útil para conhecer detalhadamente o perfil das novas elites relacionadas ao estabelecimento das práticas da Administração moderna no Brasil, bem como cria as ferramentas necessárias para melhor avaliar a profundidade dessas mudanças sócio-políticas e compreender as modificações na diacronia histórica do campo do poder no Brasil na primeira metade do século XX.

Por fim, cabe salientar as contribuições que os estudos de enfoque prosopográfico podem dar à construção de uma história própria da Administração no Brasil como campo de conhecimento. Conforme anteriormente mencionado, a história da prática da administração no país pode beneficiar-se com a construção de prosopografias direcionadas principalmente à investigação de elites técnicas e industriais. A história da administração como disciplina, por sua vez, tende a favorecer-se com o escrutínio de determinadas elites intelectuais engajadas pensar a administração como objeto de conhecimento, ainda que não se descarte a

necessidade de investigar outros grupos de impacto, como as elites políticas, tendo em vista a proximidade de relações estabelecidas entre os intelectuais e as elites dirigentes, tal como aponta Miceli (2001) em seu estudo sobre intelectuais e classe dirigente no Brasil entre 1920 e 1945, em períodos históricos determinantes para a consolidação da indústria, da máquina administrativa pública e da difusão dos princípios da administração científica, como foi a Era Vargas. De acordo com Bertero (2006 apud Vizeu, 2010), um conjunto de autores tem se debruçado principalmente em compreender as condições sobre as quais se deu o estabelecimento do ensino formal de Administração no Brasil. Observamos que alguns esforços mais sistemáticos neste sentido, como os de Coelho (2006, 2008), Costa (1986), Fischer (1984), Silva (1958), Coelho e Nicolini (2010), Nicolini (2004), Nicolini e Fischer (2007), Andrade e Amboni (2005) e Martins (1989), têm sido empreendidos para mapear a trajetória histórica do ensino de Administração no país. O que se verifica, diante disso, é que a história da administração no Brasil tem sido contada sobretudo sobre a perspectiva da implantação do ensino e que pouco espaço tem sido destinado em contar a história da administração como campo de conhecimento. Valendo-se do fato mencionado por estes autores, de que a administração passou a ser ensinada de modo sistemático no Brasil nas entranhas de um Estado centralizado, o Estado-Novo, cujo organismo responsável por esta e outras funções administrativas era o Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), o recurso da prosopografia pode contribuir, deste modo, para a aproximação entre a história da administração como campo de conhecimento e o estudo sobre elites, pois possibilita a construção de um quadro rico e preciso da composição dos grupos relacionados ao ofício de pensar e discutir a administração, bem como permite a produção de sínteses acerca das relações entre estes grupos engajados no estudo do objeto e as elites dirigentes do período. A prosopografia pode contribuir, neste sentido, para delimitar, levantar material biográfico e analisar coletivamente a constituição, o perfil e a trajetória de ação desses grupos, bem como as contribuições, determinantes ou não, para a formação da disciplina de administração no Brasil.

Considerações finais

Procurou-se a partir deste texto desenvolver um argumento favorável à utilização da prosopografia nos estudos historiográficos empreendidos na área de Administração. A proposição dos autores favorável ao uso da prosopografia como abordagem e método deve-se, em primeiro lugar, ao fato de que a aproximação entre história e administração pouco avançou e de que o campo administrativos pode obter ganhos substantivos, principalmente quanto à melhor compreensão do fenômeno administrativo, ao incorporar abordagens historiográficas como método de análise. Em segundo lugar, ao se defender aqui a possibilidade de desenvolver uma história social de elites nos estudos historiográficos do campo da Administração, sobretudo para contribuir para a história da Administração no Brasil, verificou-se, que a prosopografia é o recurso mais adequado para lidar com este tipo de investigação, tendo em vista os recursos que oferece para analisar as realidades sociais dos grupos localizados no topo das hierarquias. O emprego da prosopografia, do modo como que vem sendo utilizada na história social de elites, desde a década de 1970 (Burke, 1991; Heinz, 2006; Heinz, 2011; Lalouette, 2006; Charle, 2006a, 2006b; Lorenzo, 2011), pode trazer importantes contribuições para a aproximação entre história e administração, especificamente, para contar a história da administração no Brasil, como prática e como campo de conhecimento.

Constatou-se, no entanto, que há ainda uma ampla lacuna de discussão teórica na área acerca das possibilidades de uso da prosopografia como um método de análise para a realização de uma história social da administração. Nesse sentido, este estudo buscou

contribuir para suprir esta lacuna, ao explorar a prosopografia como abordagem e método de pesquisa e apontando formas de contribuir para uma melhor compreensão de objetos e temas recorrentes no campo da Administração.

A argumentação foi conduzida inicialmente ao se apresentar a história do percurso da prosopografia, desde seus usos iniciais no século XVI até a definição de seu conceito contemporâneo na perspectiva de autores como Stone (2011), Bulst (2005), Heinz (2006), Hubert Bonin (apud Mendes, 1992) Ridder-Symoens (apud Verboven et al., 2007), Bulst e Genet (apud Verboven et al., 2007) e Roy e Saint-Pierre (2006). Em seguida, buscou-se destacar a aproximação da prosopografia com a história social de elites diante do contexto de transformação pelo qual a disciplina de história passou durante a segunda metade do século XX. Por fim, buscou-se refletir sobre as potencialidades de aplicação da prosopografia na Administração e apontou-se que esta pode ser aplicada, sem a pretensão de esgotar as possibilidades, em três campos distintos: (a) a história empresarial, através de prosopografias de elites empresariais, procedendo investigações dos mecanismos concretos da dinâmica sociais desses grupos nos espaços de poder e de suas relações com o Estado; (b) a história da prática administrativa no Brasil que, ao enfocar determinados grupos de orientação industrialista e modernizante, pode contribuir para a melhor compreensão do estabelecimento da prática administrativa no Brasil, evitando cair em análises a-históricas e descontextualizadas; e (c) a história da administração como campo de conhecimento no Brasil, através da investigação de determinadas elites intelectuais engajadas em tratar a administração como objeto de estudo e de suas relações com as elites dirigentes na primeira metade do século XX.

A discussão conduzida por este estudo permitiu propor algumas considerações quanto ao uso da prosopografia em estudos historiográficos no campo da Administração. Observa-se que, entre os pontos discutidos quanto as possibilidades de uso do método nessa área, estes têm em comum a defesa da necessidade de aproximar história e administração. Essa aproximação, tal como a propomos, caminha no sentido da realização de uma história social da administração mediante o enfoque da teoria das elites. A utilização da prosopografia, por si só, não encontra sentido a não ser quando orientada por determinadas questões teóricas que exijam o aporte do método. Deste modo, o que podemos inicialmente concluir é que, tendo em vista a proposta de aproximar história e administração através de uma história social da administração ancorada numa perspectiva elitista, a prosopografia é, entre os métodos historiográficos, o mais adequado para tratar do estudo de elites, considerando que permite o conhecimento em profundidade de grupos sociais pertencentes às elites e de sua dinâmica de funcionamento nos espaços de poder. Considera-se fundamental, dar-se prosseguimento a estas reflexões, estabelecendo uma agenda de pesquisa que dê continuidade as discussões sobre a prosopografia e suas possibilidades de aplicação no campo da Administração e, principalmente, aprofundar as discussões teóricas sobre o estudo de elites à luz de problemáticas próprias da Administração, que pouco avançaram.

Referências

- ALCADIPANI, R.; BERTERO, C. O. (2012). Guerra fria e ensino do management no Brasil: o caso da FGV-EAESP. *Revista de Administração de Empresas*, 52(3), 284-299.
- ANDRADE, R. O. B. de.; AMBONI, N. (2005). *Gestão de cursos de administração: metodologias e diretrizes curriculares*. São Paulo: Pearson/ Prentice Hall.
- AZEVEDO, A. (2006). *A sociologia antropocêntrica de Alberto Guerreiro Ramos*. Tese de Doutorado Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

- BARROS, J. A. (2007). História social: caminhos de um campo histórico. *Revista do Mestrado de História*, 09(10).
- BARROS, A. N.; CARRIERI, A. de P. (2013). Ensino superior em Administração entre os anos 1940 e 1950: uma discussão a partir dos acordo de cooperação Brasil-Estados Unidos. *Cadernos EBAPE.BR*, 11(2), 256-273.
- BOOTH, C.; ROWLINSON, M. (2006). Management and organizational history: prospects. *Management & Organizational History*, 01(1), 5-30.
- BOMENY, H.; MOTTA, M. (org.). (2002). *A escola que faz escola: EBAPE 50 anos*. Rio de Janeiro: Editora da FGV. Entrevista.
- BULST, N. (2005). Sobre o objeto e o método da prosopografia. *Politeia: história e sociedade*, 05(1), 47-67.
- BURKE, P. (1990). *Sociologia e história*. Porto: Edições Afrontamento.
- _____. (1991). *Veneza e Amsterdã: um estudo das elites do século XVII*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- CARNEY, T. F. (1973). Prosopography: payoffs and pitfalls. *Phoenix*, 27(2).
- CASTRO, H. (1997). História social. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus.
- CHARLE, C. (2006a). Como anda a história social das elites e da burguesia? Tentativa de balanço crítico da historiografia contemporânea. In: HEINZ, F. M. (org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- _____. (2006b). A prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectivas. In: HEINZ, F. M. (org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- COELHO, F. de S. (2006). *Educação superior, formação de administradores e setor público: um estudo sobre o ensino de administração pública – em nível de graduação – no Brasil*. Tese de Doutorado em Administração, Escola de Administração de Empresas de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil.
- _____. (2008). Revisitando as origens do ensino de graduação em administração pública no Brasil. *Anais do Encontro de Administração Pública e Governança da ANPAD*, Salvador, Bahia, Brasil.
- COELHO, F. de S.; NICOLINI, A. M. (2010). Uma contribuição à história do ensino de graduação em administração pública no Brasil (1952-1994): proposta de periodização e análise de um dos estágios de construção. *Anais do Encontro da ANPAD*, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 34.
- COSTA, A. de S. M. da.; BARROS, D. F.; MARTINS, P. E. M. (2010). Perspectiva histórica em administração: novos objetos, novos problemas, novas abordagens. *Revista de Administração de Empresas*, 50(3).
- _____. (2009). Perspectiva histórica em administração: panorama da literatura, limites e possibilidades. *Anais do Encontro da ANPAD*, São Paulo, São Paulo, Brasil, 33.
- COSTA, J. G. da. (1986). *Fundação Getúlio Vargas: pioneirismo a serviço do desenvolvimento nacional*. Rio de Janeiro: Editora da FGV.
- COVRE, M. de L. M. (1981). *A formação e a ideologia do administrador de empresas*. Petrópolis: Vozes.
- CURADO, I. (2001). Pesquisa historiográfica em administração: uma proposta metodológica. *Anais do Encontro da ANPAD*, Campinas, São Paulo, Brasil, 25.
- D'ARAÚJO, M. C. (org.). (1999). *Fundação Getúlio Vargas: concretização de um ideal*. Rio de Janeiro: Editora da FGV. Entrevista.
- FARIA, J. H. de.; MENEGHETTI, F. K. (2010). História intelectual nos estudos organizacionais. *Anais do Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD*, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, 6.

- FERNANDES, F. R. (2012). A metodologia prosopográfica aplicada às fontes medievais: reflexões estruturais. *História da historiografia*, 08(1).
- FISCHER, T. (1984). *Ensino de administração na Brasil, os ideais do desenvolvimento e as dimensões de racionalidade*. Tese de Doutorado em Administração, Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil.
- FISCHER, T.; WAIANDT, C.; FONSECA, R. L. (2011). A história do ensino em administração: contribuições teórico-metodológicas e uma proposta de agenda de pesquisa. *Revista de Administração Pública*, 45(1), 911-939.
- GUERREIRO RAMOS, A. (1956a). Fundamentos sociológicos da administração pública I. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 nov. Suplemento Dominical, p. 8.
- _____. (1956b). Fundamentos sociológicos da administração pública II. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 nov. Suplemento Dominical, p. 8.
- _____. (1966). Breve notícia sobre a evolução da administração federal no Brasil. In: *Administração e estratégia do desenvolvimento: elementos de uma sociologia especial da administração*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- HEINZ, F. M. (2011a). Nota sobre o uso de anuários sociais do tipo Who's who em pesquisa prosopográfica. In: HEINZ, F. M. (org.). *História social de elites*. São Leopoldo: Oikos.
- _____. (2011b). Apresentação. In: HEINZ, F. M. (org.). *História social de elites*. São Leopoldo, Oikos.
- _____. (2006). O historiador e as elites: à guisa de introdução. In: HEINZ, F. M. (org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- KEATS-ROHAN, K. S. B. (2007). Biography, identity and names: understanding the pursuit of the individual in prosopography. In: KEATS-ROHAN, K. S. B. (org.). *Prosopography approaches and applications: a handbook*. New York: Oxford University Press.
- LALOUETTE, J. (2006). Do exemplo à série: história da prosopografia. In: HEINZ, F. M. (org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- LINTEAU, P-A. (2006). Representação política em Montreal, 1880-1914: evolução de uma elite municipal. In: HEINZ, F. M. (org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- LORENZO, R. de. (2011). Os agentes do Cinema Novo e os seus “antagonistas”: ensaio prosopográfico. In: HEINZ, F. M. (org.). *História social de elites*. São Leopoldo: Oikos.
- MARTINS, C. B. (1989). Surgimento e expansão dos cursos de administração no Brasil – (1952 – 1983). *Ciência e Cultura: Revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*, 41(7), 663-676.
- MATITZ, Q. R. S.; VIZEU, F. (2011). Contribuições da história dos conceitos (Begriffsgeschichte) para os estudos organizacionais. *Anais do Encontro da ANPAD*, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 35.
- MENDES, J. A. (1992). O contributo da biografia para o estudo das elites locais: alguns exemplos. *Análise Social*, 27, 357-365.
- MICELI, S. (2001). *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras.
- NICOLINI, A. (2004). A trajetória do ensino de administração analisada por um binóculo institucional: lições para um novo caminho. *Anais do Encontro da ANPAD*, Curitiba, Paraná, Brasil, 28.
- _____. (2007). *Aprender a governar: a aprendizagem de funcionários públicos para as carreiras de estado*. Tese de Doutorado em Administração, Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil.
- NICOLINI, A. M.; FISCHER, T. M. D. (2007). Trajetória e tendências do ensino de administração pública no Brasil: a hora e a vez do dirigente público. *Anais do Encontro da ANPAD*, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 31.

- NORONHA, A. E. (2011). O uso da prosopografia para o estudo de elites locais: um esboço metodológico (o caso dos empresários de Santa Cruz do Sul). In: HEINZ, F. M. (org.). *História social de elites*. São Leopoldo: Oikos.
- PIERANTI, O. P. (2008). A metodologia historiográfica na pesquisa em administração: uma discussão acerca de princípios e de sua aplicabilidade no Brasil contemporâneo. *Cadernos EBAP*, 06(1), 01-12.
- ROY, F.; SAINT-PIERRE, J. (2006). A alta redação dos jornais de Quebec (1850-1920). In: HEINZ, F. M. (org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- SAUERBRONN, F. F.; FARIA, A. (2006). A utilização do método histórico em pesquisa acadêmica de marketing. *Anais do Encontro da ANPAD*, Salvador, Bahia, Brasil, 30.
- SILVA, B. (1952). Gênese do ensino de administração pública no Brasil. *Cadernos de Administração Pública – EBAP*, 48.
- STONE, L. (2011). Prosopografia. *Revista Sociologia Política*. 19(39), 115-137.
- STORCK, V. S. (1983). Notas para a história da administração brasileira: origens e desenvolvimento. *Revista de Administração*. 23(3), 57-62.
- VERBOVEN, K. CARLIER, M. DUMOLYN, J. (2007). A short manual to the art of prosopography. In: KEATS-ROHAN, K. S. B. (org.). *Prosopography approaches and applications: a handbook*. New York: Oxford University Press.
- VIANA, A. de. (1953). *DASP: instituição a serviço do Brasil*. Rio de Janeiro: do autor.
- VIZEU, F. (2008). *Management no Brasil em perspectiva histórica: o projeto do IDORT nas décadas de 1930 e 1940*. Tese de Doutorado em Administração, Escola de Administração de Empresas de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil.
- _____. (2010). Potencialidades da análise histórica nos estudos organizacionais brasileiros. *Revista de Administração de Empresas*, 50(1), 37-47.
- _____. (2007). Em Algum Lugar do Passado: Contribuições da Pesquisa Histórica aos Estudos Organizacionais Brasileiros. *Anais do Encontro da ANPAD*, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 31.
- WAHRLICH, B. M. de. S. (1983). *Reforma administrativa na era de Vargas*. Rio de Janeiro: Editora da FGV.
- WALDO, D. (1971). *O estudo da administração pública*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

ⁱ Propõe-se aqui seguir a conceituação do termo administração tal como sugere Waldo (1971). De acordo com o autor, há um duplo uso da palavra administração, ambos os quais pretendemos nos valer para orientar a condução de nosso estudo. Por um lado, descreve uma atividade intelectual, disciplina ou estudo e, por outro, um processo ou atividade. Quando se menciona a proposição de empreender uma história da administração, estamos nos referindo sempre a ambas as possibilidades, a história da administração como atividade e a história da disciplina de administração, ou do seu estudo sistemático.

ⁱⁱ Lalouette (2006) ajuda a complementar este fato ao mencionar que, nos poucos dicionários contemporâneos de língua francesa, onde se faz alguma menção ao termo, ele ainda tem sido equivocadamente tratado de acordo com a sua acepção antiga. O *Grand dictionnaire universel*, de Pierre Larousse, publicado no século XIX, define a prosopografia como a “descrição que tem por objeto fazer conhecer os traços exteriores, a figura, o porte, de um homem, de um animal”. Para o *Grand Robert de langue française*, a prosopografia é “a descrição de uma pessoa”. Já o *Trésor de la langue française* define o termo como “a descrição das qualidades físicas de um personagem real ou fictício”.

ⁱⁱⁱ Tanto Lalouette (2006) quanto Bulst (2005) fornecem exemplos de textos os mais diversos desse tipo de uso da prosopografia.

^{iv} Os primeiros usos da expressão “história social”, na historiografia contemporânea, estão associados ao movimento que emerge na França, conhecido como Grupo dos *Annales*, fundado por March Bloch e Lucien Febvre em 1929 (cabe destacar outros nomes importantes como Fernand Braudel e Ernest Labrousse). Entre as principais características do movimento, correndo o risco de uma inevitável simplificação, estão a oposição à historiografia factualista da história política tradicional, centrada nos grandes homens, batalhas e estratégias

diplomáticas; a abertura da disciplina aos temas e métodos das demais ciências humanas, em especial, a sociologia; a vinculação da história social à história econômica; a prioridade dos fenômenos coletivos sobre os indivíduos; as tendências de longo prazo (longa duração) em detrimento dos eventos na explicação histórica; a história social como síntese ou história-total (CASTRO, 1997; BARROS, 2007). No entanto, no século XVIII, já havia um grande número de autores que deixaram de tratar os grandes temas da história tradicional para ocuparem-se das leis e dos costumes, do comércio e das artes, mesmo não se “enquadrando” no domínio específico da história social como especialidade. Certamente, autores como Montesquieu, Ferguson e Millar escreveram monografias históricas mesmo tendo sido reconhecidos com o posto de teóricos sociais. A experiência histórica revela que, no século XIX, a “história social” era muito menos bem vista do que no século XVIII. O principal historiador dos anos 1800, Leopold von Ranke, apesar de não declarar repúdio à história social, direcionou a sua atenção aos estudos do Estado. Este foi o momento em que a história política detém a sua supremacia, dando status amadorístico à história social e detendo o monopólio da cientificidade na disciplina histórica, e, assim, a mantém até meados do século XX (BURKE, 1990).

^v Carney (1973) menciona que, a partir da segunda metade do século XX, é possível considerar duas grandes escolas prosopográficas: (a) aquela voltada ao estudo de elites; e (b) aquela voltada ao estudo das massas. A escola elitista tem foco nas genealogias, nos interesses e nas atividades políticas das elites do poder. O prosopógrafo empreende estudos de caso ao contrário de se valer de métodos quantitativos das ciências sociais e assume a concepção prévia de que a história é feita pelas elites. Já a escola dos movimentos de massa assume uma postura diferente. Se vale principalmente de métodos das ciências sociais e assume de antemão que são as forças sociais que moldam a história. A orientação prosopográfica que procuramos nos valer para guiar as discussões nesse estudo é vinculada à escola das elites.